

**ATIRAR - LANÇAR - ARREMESSAR - DEITAR:  
algumas particularidades sémicas**

A finalidade das poucas páginas que a seguir se situam é apenas a de, através de algumas comparações sémicas, tentar evidenciar o papel primordial que os traços mínimos significativos a que chamamos semas detêm na organização léxica de uma língua.

As quatro unidades que seleccionámos (*atirar, lançar, arremessar, deitar*) pertencem a um paradigma que denominámos *verbos de movimento referenciado a um sujeito*.

Convém, talvez, precisar que o que aqui se entende por «*movimento*» é apenas a noção linguístico-funcional e não qualquer noção lógica ou filosófica de movimento. E sendo assim, entendemos por movimento o processo que abarca o estado de coisas realizado por X através de uma mudança de Li (local inicial) para Lj (local posterior). Entendemos também o termo «local» como uma noção que designa um intervalo espaço-temporalmente conceptualizado. Deste modo, poderíamos simbolizar a noção de movimento com



X poderá representar quer o sujeito-agente do movimento (*ir, vir,*

*voltar* ), quer o objecto que sofre o movimento (*atirar, lançar, absorver*).

Como se depreende, esta noção de movimento não serve apenas para o movimento físico, mas abarca todo o estado de coisas que linguisticamente é conceptualizado como movimento. Assim, consideramos poder falar-se em movimento tanto em

1) *Ele levava um saco às costas.*

como em

2) *Ele leva mil escudos pelo trabalho.*

Em ambos os casos há algo («um saco» / «mil escudos») que é conceptualizado como sofrendo uma mudança de Li para Lj.

Os semas utilizados nesta reflexão fazem parte de uma grelha sémica que utilizámos para a análise a um campo verbal bastante mais extenso. Pensamos, no entanto, que eles são facilmente compreensíveis. Não nos demoraremos, por isso, a delimitá-los com a precisão que, certamente, uma análise mais rigorosa exigiria.

No quadro dos verbos de movimento, os verbos *atirar, lançar, arremessar, deitar* formam um grupo onde os membros se inter-relacionam, quer em conjunto, quer em grupos de dois ou mesmo de três.

A pertença de cada um a determinado grupo tem de ser justificada por determinada(s) componente(s) comum(s). Parece-nos, com efeito, que estes quatro verbos exprimem estados de coisas com uma base sémica idêntica: uma entidade (sujeito-agente) faz com que um objecto (O) se afaste de um ponto de referência inicial (Li). Naturalmente que esta base sémica se liga com outros semas como, por exemplo o de [+força física] que parece separar estes verbos de outros como *remeter, despachar*, etc. A esta base sémica comum acrescentam-se as diferenças específicas de cada verbo, o que vai levar a que não só os

possamos individualizar, como também tentemos estabelecer correspondências de organização sêmica entre cada um e um outro, ou mesmo todos os outros deste grupo.

O primeiro sema em análise poderá ser o sema [longinquidade]. Este sema divide o grupo em dois sub-grupos: os verbos [+longinquidade] (*atirar* e *lançar*) e os [-longinquidade] (*lançar*, *deitar* e *arremessar*). Podemos visualizar esta perspectiva da seguinte forma:

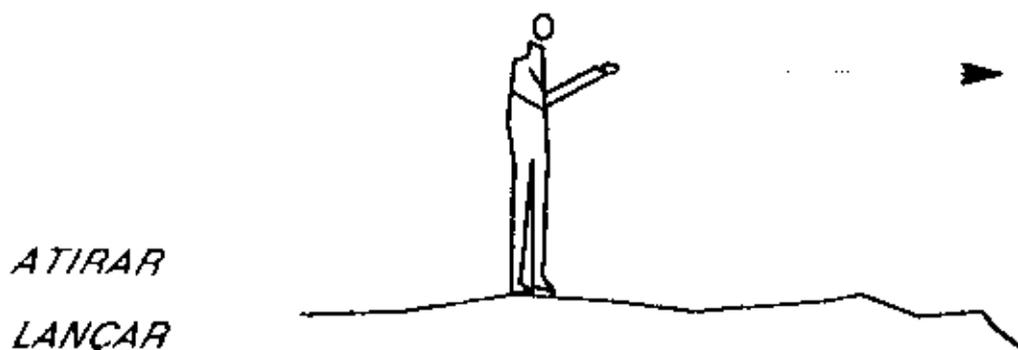


Fig. 1

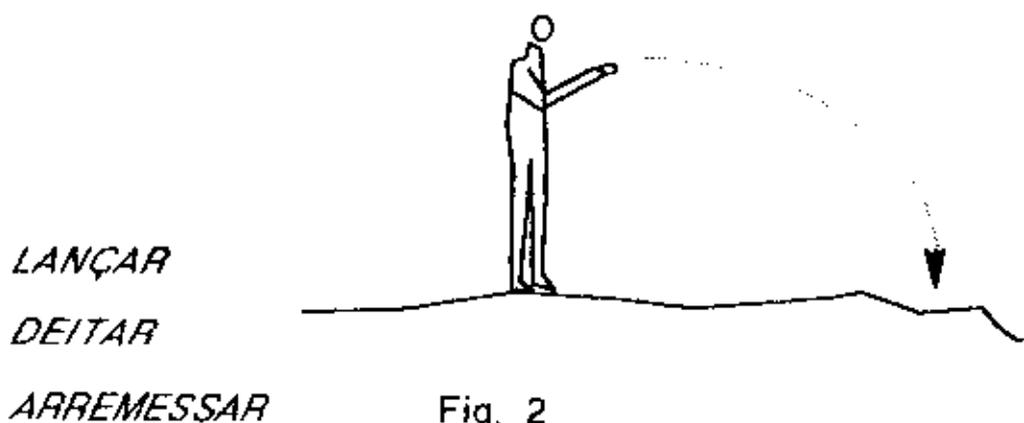


Fig. 2

Talvez, por isso, nos pareçam como dotados de pouca interpretabilidade sintagmas como

- 3) \**Arremessar um tiro.*
- 4) \**Deitar um tiro.*

ao invés de

5) *Atirar um tiro.*

Quando aparecem construções como

6) *Arremessar uma pedra.*

7) *Deitar uma pedra*

8) *Atirar uma pedra.*

não será problemático considerar que as primeiras pressupõem uma distância tida como não-longa, ao invés do que sucede na última.

Um sema que aqui aparece ligado a este é o sema [força]. E é curioso notar que a distribuição deste sema não coincide totalmente com a daquele:

	[longinquidade]	[força]
<i>Atirar</i>	[+]	[+]
<i>Lançar</i>	[+]	[±]
<i>Deitar</i>	[-]	[-]
<i>Arremessar</i>	[-]	[+]

Como se vê, há uma correspondência geral entre a presença ou ausência do sema [longinquidade] e a presença ou ausência do sema [força], excepto em *arremessar*, onde existe [-longinquidade] e [+força].

Essa correspondência verifica-se também em *lançar*, onde há a possibilidade da positividade ou negatividade dos semas [força] e [longinquidade]. Repare-se, no entanto, que a presença de [+longinquidade] prefere [+força] ao traço oposto:

- 9) *Lançar o disco*
- 10) *Lançar o martelo*

O inverso também é verdade: [-longinquidade] prefere [-força]:

- 11) *Lançar a semente à terra*
- 12) *Lançar uma moeda ao lago*

Na relação entre estes dois semas, há que ter em atenção uma particularidade. É que a noção sémica de «força» que estes verbos englobam não pode ser traduzida por uma grandeza absoluta. Quer dizer, é, em certo modo, independente do esforço físico exigido. Este, o esforço, e, por conseguinte, a força física, tem a ver, por exemplo, com o peso do objecto. O sema [força] que estes verbos englobam nos seus estados de coisas poderá ser definido como «*a força utilizada para além da necessária para suportar o objecto*». Daí que a mesma relação entre [-longinquidade]=>[-força] exista nestes dois casos:

- 13) *Ele lançou uma moeda ao lago.*
- 14) *Ele lançou as redes ao lago.*

Ainda que as redes sejam muito pesadas, entende-se o esforço englobado em lançar como apenas «*o suficiente para suportar o peso*». Veja-se, para confirmar isto, a diferença entre

- 15) *Lançar as redes ao lago*
- 16) *Arremessar as redes ao lago*

Não será de admirar a correspondência verificada nos casos

em que o sema [longinquidade], quando positivo ou negativo, exige a presença ou ausência, respectivamente, de [força]. Só que em *arremessar* a pouca distância a percorrer pelo objecto, no estado de coisas descrito, não dispensa a ideia de [força]. Antes pelo contrário, exige-a. Pode dizer-se, por conseguinte, que *arremessar* é *deitar* ou *lançar* «com força».

Talvez seja interessante notar que neste grupo de verbos o sema [força] se sobrepõe aos semas direccionais, nomeadamente [horizontalidade], [verticalidade] e [frontalidade]. Parece poder atribuir-se a cada verbo, quer a presença, quer a ausência de cada um destes semas. Talvez um esquema ajude a uma melhor visualização:

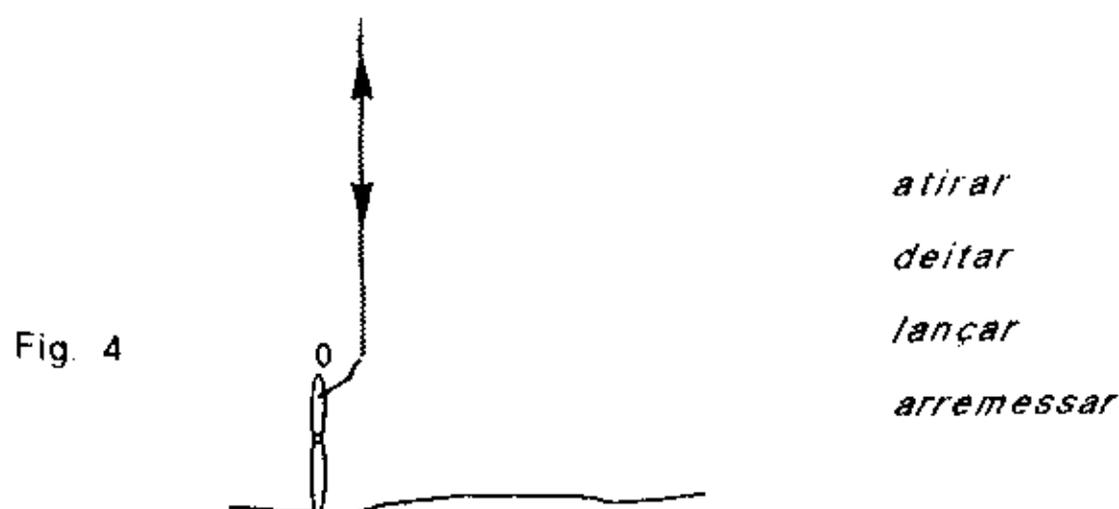
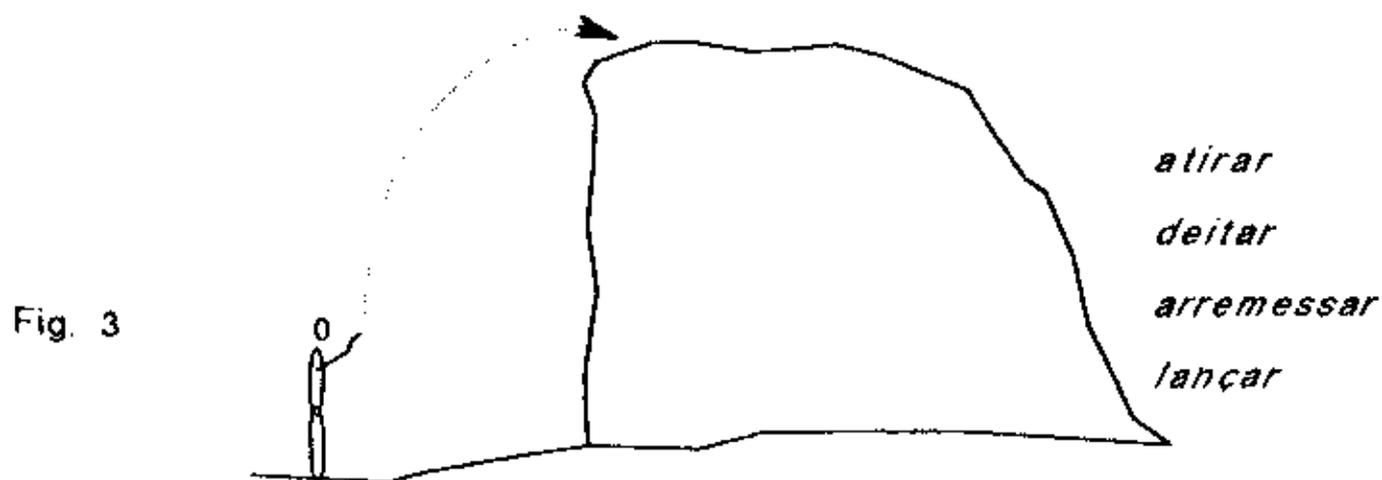
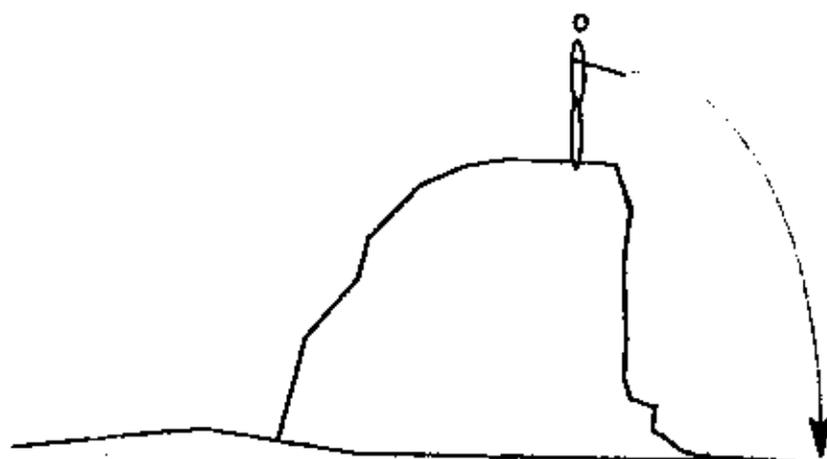
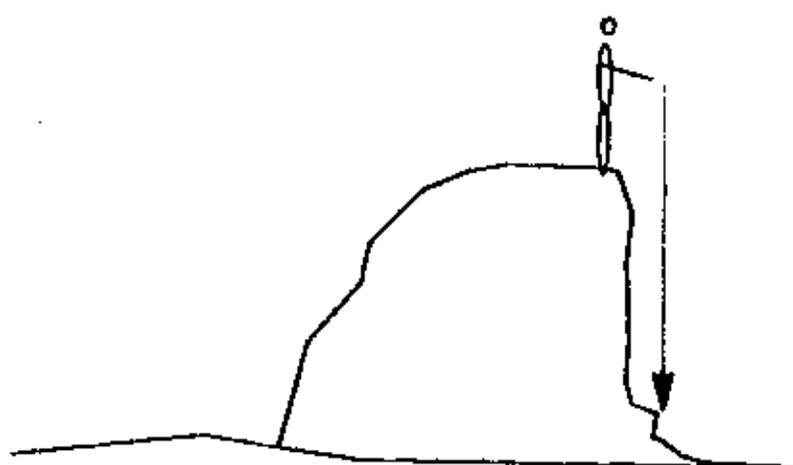


Fig. 5



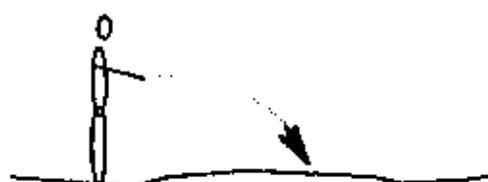
*deitar*  
*atirar*  
*lançar*  
*arremessar*

Fig. 6



*atirar*  
*lançar*  
*deitar*  
*arremessar*

Fig. 7



*deitar*  
*lançar*  
*arremessar*  
*atirar*

Como se vê nas figuras 3, 4, 5, 6 e 7, os quatro verbos admitem todas as situações espaço-direccionais: de baixo para cima, com

permanência do objecto no nível superior (3); na vertical, com regresso do objecto (4); de cima para baixo, com movimento não-perpendicular (5); de cima para baixo, com movimento perpendicular (6) e finalmente com o movimento de afastamento do objecto no mesmo plano de altura do sujeito (7).

Para verificar o que atrás dizíamos, designadamente a prevalência do sema [força] sobre os semas direccionais, repare-se que o estado de coisas esquematizado na Fig.6 só pode ser traduzido por *arremessar* se contiver [+força]. Na hipótese contrária (imagine-se o deixar cair uma moeda que se segurava entre os dedos) nunca pode ser *arremessar*.

Ligado à força considerada pelo estado de coisas, também está o sema [rapidez]. Verifica-se, até, uma coincidência entre os dois semas:

	[força ]	[rapidez]
Atirar	[+]	[+]
Lançar	[+]	[±]
Deitar	[-]	[-]
Arremessar	[+]	[+]

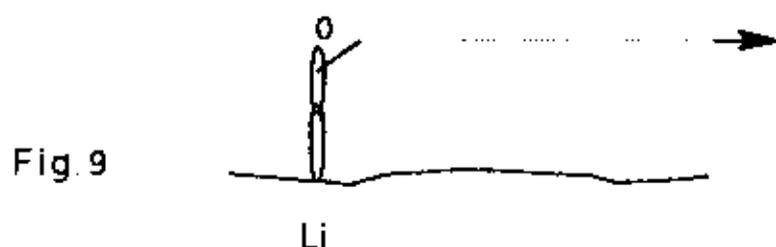
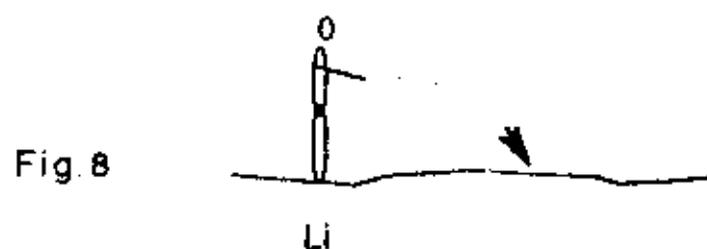
Note-se, quanto a *lançar*, que há uma apetência de [+força] para com [+rapidez] e de [-força] para com [-rapidez].

17) *Ele lançou o disco* ([+força] => [+velocidade])

18) *Ele lançou a semente à terra*([-força] => [-velocidade])

Para estes verbos é também de grande importância a relação que o estado de coisas estabelece entre o objecto, o movimento e o respectivo termo. É o que se procura traduzir através do sema [meta]. Tal processo realiza-se com [-meta] em *atirar* e *arremessar* e [+meta] em *lançar* e

*deitar* :



A figura 8 representará *lançar* e *deitar* e a figura 9 *atirar* e *arremessar*. Se bem que a longinquidade (de que já falámos atrás) também nos ajude a essa separação, é a existência ou não de [meta] como parte terminal do movimento do objecto, o que nos permite a distinção.

Isto não quer dizer que *atirar* e *arremessar* designem estados de coisas incompatíveis com uma «meta». Isso, como facilmente se verifica, não acontece:

19) *Ele atirou uma pedra ao vidro.*

20) *Ele arremessou a lança para o inimigo.*

O estado de coisas expresso pelo verbo pode, na linearidade, ser completado por sintagmas que expressam uma meta. Mas o verbo não a exige:

21) *Ele atirou uma pedra.*

22) *Ele arremessou a lança*

O mesmo não se passa com os outros dois verbos:

23) *Ele deitou a noz ao chão.*

24) *Ele lançou o livro para cima da mesa.*

ficariam frases inaceitáveis se suprimíssemos os sintagmas que, na frase, corporizam o sema [meta]:

25) \**Ele deitou a noz.*

26) \**Ele lançou o livro.*

É interessante, a este respeito, notar que 26) pode tornar-se um frase aceitável na interpretação de «lançar o livro» como «*publicar*». Isto acontece porque não havendo uma meta explícita, o alocutário vai supor uma possível meta implícita, que, neste caso, seria «*o público*». Por conseguinte, a única interpretação de 26) só é devida ao facto de implicitamente se conceber uma meta, o que vem confirmar o que dissemos da relação entre este verbo e o sema [meta].

Quanto aos semas de objecto, designados por SO, há talvez duas particularidades a ter em conta. A primeira é a constatação de que é o SO [interioridade], que distingue este grupo de verbos de um outro que engloba os verbos *expedir, exalar, emanar, jorrar* e outros. Com efeito, enquanto estes possuem como sema de objecto o traço [+interioridade], os quatro verbos que agora analisamos inserem-se no grupo dos de [-interioridade]. Quer dizer que embora o objecto faça parte do domínio do sujeito, esse mesmo objecto é sempre exterior ao respectivo sujeito, o que não acontece em verbos como *jorrar*.

Um outro aspecto a salientar é que todos estes quatro verbos são

verbos que contêm o sema de objecto [-abundância]. Quer dizer, os objectos englobados nos estados de coisas são encarados como objectos singulares, objectos com o traço de «*não-abundância*». E mesmo em frases como

27) *Ele deitou a água na pipa do vinho.*

não se pode considerar o objecto com o traço de [+abundância] ainda que a água fosse muita, ou ainda que se tivesse estado muito tempo a deitar água.

A «*abundância*» aqui não resulta de se encarar o objecto como múltiplo, mas sim do facto de o verbo *deitar* ser, dos quatro, o único que poderá admitir o traço [+duratividade]. A acção é que é encarada como um processo contínuo. O objecto continua a ser conceptualizado na sua singularidade - «*água*».

Para terminar, apenas uma referência ao classema [intencionalidade]. Parece-nos que neste grupo de verbos *atirar*, *lançar* e *arremessar* serão verbos com [+intencionalidade], enquanto *deitar* conterà o traço inverso. Atente-se no facto de a frase

28) *Ele deitou o vaso ao chão.*

assim descontextualizada, não nos esclarecer quanto à intencionalidade do estado de coisas descrito. O mesmo se não verificará em

29) *Ele atirou o vaso ao chão.*

30) *Ele lançou o vaso ao chão.*

31) *Ele arremessou o vaso ao chão.*

onde nos parece evidente a presença de [+intencionalidade ].

As muito ligeiras reflexões a nível sémico que ficaram para trás nada mais pretendem senão tentar demonstrar a importância da análise sémica para a compreensão do funcionamento da componente semântica no plano lexical. Facilmente se constata a importância da estruturação sémica/semémica no fenómeno linguístico. Neste domínio, ressalta desta análise, como de todas as análises sémicas, que o agrupamento dos traços mínimos significativos não se faz aleatoriamente. Há uma ordem na organização dos componentes semémicos.

A importância dos semas também não é idêntica dentro de cada unidade. Há, por vezes, determinados traços que podem ser anulados (*lançar* => [+força]), enquanto outros são insubstituíveis (*arremessar* => [+força]).

Há uma nítida influência, como se depreende de tudo isto, entre a composição e organização sémicas da unidade lexemática e o valor prototípico que essa unidade desempenha relativamente às outras com as quais se inter-relaciona.

Estamos convencidos que é este um dos campos mais aliciantes dos estudos linguísticos. Mas, com toda a certeza, não para aqui nem para agora.